

a

s

o

a

m

r

t

nowhere



ESCOLA  
DE ARTES  
VISUAIS DO  
PARQUE LAGE

26

## Laboratório de Práticas Artísticas (LPA)

Orientação geral de projetos

**Luiza Baldan**

Orientação em som

**Nico Espinoza**

Orientação expográfica

**Victor Gonçalves**

Orientação e projeto curatorial

**Cristiana Tejo**

• ALINE MAC CORD • CAMILA LEITE • DENISE TEIXEIRA •  
JOÃO WAGNER DARUICH • KARIN CAGY • LAURA DRÜSEDAU  
• LUCIANA SILVEIRA • LUIZA VOLPATO • MARIA LUIZA DAN •  
MINA LANCELLOTTI • RAFA DIÂS • RAPHOS  
• RODRIGO VIANA • TUCA PAOLI



## A M O S T R A \ 2 6

**Cristiana Tejo**

AMOSTRA\26 nasce de mais um tempo cíclico do Laboratório de Práticas Artísticas (LPA). No NowHere, os processos não obedecem à lógica acelerada da produtividade, mas amadurecem através da convivência, da escuta e das transformações mútuas. Como numa agrofloresta, diferentes práticas coexistem em ritmos próprios, contaminando-se e criando ecossistemas de troca. Iniciado em 2022 por Luiza Baldan, com colaborações minhas, de Nico Espinoza e de Victor Gonçalves, o LPA continua a expandir esse território de experimentação e acompanhamento de processos. Nesta 4ª edição, o ciclo ganha uma nova dobra: Luiza Baldan, artista formada na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, retorna à instituição através da parceria com o NowHere, estabelecendo uma ponte viva entre Rio de Janeiro e Lisboa. Como desdobramento dessa colaboração, a exposição será apresentada tanto no novo espaço do NowHere quanto no Rio de Janeiro, na Casã Lira, ampliando os circuitos de circulação, encontro e escuta entre os dois contextos.

Em muitas das obras desenvolvidas ao longo do LPA, a memória aparece como matéria instável, atravessada por deslocamentos, reconstruções e zonas de ambiguidade. Tuca Paoli transforma árvores da infância em paisagens híbridas onde migração, pertencimento e imaginação se entrelaçam. A colagem funciona simultaneamente como técnica e tentativa de recompor geografias afetivas fragmentadas. Rafa Diâs também investiga formas precárias de habitar: caixas de mudança transformam-se em arquiteturas transitórias onde memes, anúncios e imagens vernaculares revelam os absurdos e violências sutis da vida urbana contemporânea.

Outros trabalhos aproximam corpo, tempo e transformação. João Wagner Daruich cria desenhos-costuras em que corpo e natureza aparecem profundamente imbricados, como se crescimento, desgaste e metamorfose fossem parte de um mesmo organismo vivo. Karin Cagy transforma rugas e marcas do envelhecimento feminino em cartografias sensíveis, reivindicando a maturidade como potência e experiência. Em Luciana Silveira, o bordado coletivo torna-se espaço de partilha e cuidado entre mulheres, onde linhas carregam memórias, despedidas e confidências.

A instabilidade da imagem também atravessa diferentes obras da exposição. Denise Teixeira utiliza o retrato como ponto de partida para construir um mural multifacetado em contínua investigação técnica. As figuras oscilam entre o afetuoso, o estranho e o macabro, criando zonas ambíguas onde o familiar e o artificial se contaminam mutuamente. Em Luiza Volpato, festa, natureza e vazio constroem paisagens afetivas suspensas, onde a dissolução da imagem parece investigar aquilo que permanece como vestígio, memória ou presença residual.

Há ainda trabalhos atravessados por estados de transformação contínua e pela relação entre matéria e fluxo. Em Aline Mac Cord, o gesto pictórico surge como vestígio de forças em constante movimento, aproximando percepção humana e mundo vivo numa experiência quase respiratória. Raphos constrói universos biomórficos onde nascimento, desejo e desaparecimento coexistem em tensão permanente. Laura Drüsedau produz superfícies que evocam azulejos e pedras, embora feitas de materiais frágeis e leves, deslocando expectativas entre

permanência e instabilidade. Camila Leite aproxima bordado, pintura e tecidos descartados para criar corpos fragmentados e orgânicos, enquanto Rodrigo Viana transforma geometrias aeroportuárias em paisagens quase abstratas, marcadas por fluxo, repetição e deslocamento.

Dimensões espirituais e políticas também atravessam a exposição. Maria Luiza Dan articula corpo e território em imagens de invasão, perfuração e ruptura, aproximando violência social e matéria orgânica. Mina Lancellotti cria uma instalação inspirada nas cosmologias do candomblé, conectando Orun e Àiyé através de fios de conta que atravessam ancestralidade, memória e presença. Juntas, essas obras não formam uma narrativa linear, mas um campo de forças onde materiais, corpos, paisagens e afetos permanecem em transformação contínua. Mais do que apresentar resultados concluídos, AMOSTRA\26 torna visível um processo de convivência e elaboração coletiva. Em tempos marcados pelo excesso de imagens, pela aceleração e pela fragmentação da experiência, talvez essas obras insistam justamente naquilo que exige duração: a observação lenta, a vulnerabilidade, a escuta e a possibilidade de permanecer junto às perguntas.

# LPA 2025-2026

## Luiza Baldan

Nesta 4ª edição do Laboratório de Práticas Artísticas (LPA), realizamos a primeira parceria institucional com a Escola de Artes Visuais do Parque Lage, escola que foi, para mim, lugar de formação como aluna e também como professora. Foi ali que tive o privilégio de aprender com Anna Bella Geiger, Charles Watson, Hélio Eichbauer e Fernando Cocchiarale; de acompanhar gestões, direções e coordenações de Reynaldo Roels Jr., Claudia Saldanha, Tânia Queiroz, Lisette Lagnado e Ulisses Carrilho; e de orientar muitas artistas que, em grande parte, se tornaram colegas de profissão e de vida. Deixo ainda um agradecimento especial ao meu grande amigo, monitor e artista Felipe Paiva, em memória, cuja presença segue atravessando muitos dos afetos e aprendizados que levo comigo.

A proposta do LPA nasce diretamente de uma experiência desenvolvida na EAV entre 2012 e 2017, no curso “Exercícios de Observação com Fotografia”. Naquele contexto, a fotografia era menos um fim do que uma ferramenta para reaprender a olhar. O curso estimulava cada artista a se observar, reconhecer desejos, formular caminhos de produção e lidar com processos que não prometiam, nem deveriam prometer, resultados de sucesso garantido. Tratava-se, antes, de construir uma prática continuada, um aprendizado com o fazer, o sentir e o pensar.

O LPA amplia esse gesto. Aquilo que antes se concentrava em três meses ganha aqui a duração de nove. Nove meses de encontros, conversas, desvios, hesitações, impasses, descobertas, vínculos e transformações. Há algo de gestacio-

nal nesse tempo. Todos os trabalhos desenvolvidos no laboratório partem de um estado embrionário, seja uma primeira imagem, uma inquietação, uma matéria ou qualquer coisa ainda sem forma definida. Ao longo do processo, esses embriões são acompanhados, tensionados e desenvolvidos coletivamente até encontrarem uma forma possível de apresentação pública.

Nesta edição, realizada em formato híbrido entre Brasil e Portugal, reunimos Aline Mac Cord, Camila Leite, Denise Teixeira, Ilana Majerowicz (que preferiu não participar da exposição), João Wagner Daruich, Karin Cagy, Laura Drüsedau, Luciana Silveira, Luiza Volpato, Maria Luiza Dan, Mina Lancellotti, Rafa Diãs, Raphos, Rodrigo Viana e Tuca Paoli. São artistas que partem de cidades, trajetórias e linguagens diversas, mas que se encontram em um mesmo exercício de partilha, que envolve olhar para o próprio processo diante de um grupo, sustentar perguntas, escutar o trabalho do outro e permitir que a convivência influencie os rumos da criação.

Acredito cada vez mais que artistas precisam sair da sua zona de conforto habitual para reaprender a olhar. E essa tarefa exige tempo, disponibilidade, alguma dose de desorientação e a coragem de permanecer diante daquilo que ainda não se sabe nomear.

Os exercícios de observação desafiam a nossa capacidade de tédio e solidão. Refiro-me àquele momento em que se fumaria um cigarro na falta de algo melhor a fazer ou de alguém com quem estar; ou àquele gesto automático de olhar qualquer coisa no celular, ligar e desligar a tela, conectar-se ao dispo-

sitivo e desconectar-se do entorno. O tédio, tantas vezes evitado, talvez seja um dos últimos espaços de resistência à produtividade permanente. Quando nos sentimos entediados, o cérebro não está parado; ele trabalha, estabelece caminhos, associa imagens, reorganiza memórias, abre passagens inesperadas. É justamente nessa aparente ausência de afazeres, entre o tédio e a solidão, que a observação se potencializa. Emmi Pikler defendia que o aprendizado se fundamenta no respeito ao ritmo individual da criança, dando-lhe espaço, de forma segura e supervisionada, para que tome suas próprias iniciativas e conquiste autonomia no movimento e na prática lúdica, ainda que isso pareça lento ou tedioso para o adulto. Temos muito a reaprender com as crianças. Também na prática artística, o excesso de direção pode interromper descobertas. Muitas vezes, é preciso criar condições para que algo aconteça, sem sufocar o seu aparecimento.

Monica Guinle, minha aluna em duas edições do curso no Parque Lage e, posteriormente, orientadora comigo no curso “Lé com Cré”, é psicóloga e costuma dizer que leva para o consultório muito do conhecimento gerado pelas nossas trocas na escola livre de arte. Para ela, o tipo de observação que propomos, para não dizer tediosa, induz à construção de uma narrativa intuitiva. Talvez seja isso que continuamos a procurar no LPA: criar condições para que cada artista reconheça a narrativa que começa a se formar no próprio trabalho, mesmo quando ela ainda aparece fragmentada ou sem contorno definido.

AMOSTRA é a culminância desse processo, mas não deve ser confundida com um ponto final. Ela é uma abertura pública, um recorte possível, um instante de visibilidade dentro de percursos que seguem em movimento. O que aqui se apresenta é resultado de nove meses de acompanhamento, mas também de escolhas, cortes, tentativas, impasses e insistências.

Manter os laços com o Parque Lage estando do outro lado do Atlântico reafirma que certas escolas não se encerram em seus muros, salas ou jardins. Elas seguem de muitas maneiras, mas especialmente como método, memória, escuta, prática e comunidade. O LPA nasce desse campo de relações e o expande em outro território, outra comunidade, fortalecendo experiências coletivas de criação.

# LPA E A PARCERIA EAV + NOWHERE

**Tania Queiroz**

*Diretora da EAV Parque Lage*

AMOSTRA\26 nasce de uma parceria que transcendeu distâncias – assim como a arte, o pensamento, as ideias e a criação. A exposição, que reúne as produções dos artistas de diferentes lugares, encerra um ciclo de intensas conversas entre os participantes e os orientadores, em encontros regulares, mediados pelos diferentes fusos horários e pelas opostas estações do ano.

O êxito dessa colaboração entre Escola de Artes Visuais do Parque Lage e NowHere reafirma a força do compromisso institucional com a arte, a educação e a produção de conhecimento. Mais do que alcançar resultados artísticos expressivos, o projeto evidencia a importância das redes de cooperação cultural e da construção de pontes entre diferentes contextos e experiências. Trata-se de uma iniciativa que demonstra como o diálogo, a confiança mútua e o desejo compartilhado de criar podem superar fronteiras e fortalecer processos coletivos de formação e criação artística.

Embora os processos de criação não se permitam confinar, essa experiência levou as instituições a desafiar a distância física, reinventando metodologias e formas de troca, e reafirmando a potência do encontro, da experimentação e da construção coletiva, mesmo quando realizada entre territórios distintos.



## ALINE MAC CORD

Rio de Janeiro, BR, 1975

Aline Mac Cord é artista visual brasileira. Sua prática investiga a relação entre gesto, percepção e ambiente a partir de processos sensoriais e fenomenológicos. Formada pela UFRJ e com mestrado na Columbia University (Nova York). Atua profissionalmente no Jardim Botânico do Rio de Janeiro, onde o convívio com pesquisas botânicas e científicas atravessa seu campo de investigação poética. Participou de exposições em instituições como o Museu Histórico da Cidade do Rio de Janeiro, Centro Cultural dos Correios, FUNARTE (São Paulo), Museu da Escola Catarinense (Florianópolis) e Unibes Cultural (São Paulo). Realizou residências artísticas em contextos ambientais, incluindo a Floresta Nacional do Tapajós (Amazônia) e a Serra da Capivara (Piauí). Mantém formação artística continuada em diálogo com instituições como a Escola de Artes Visuais do Parque Lage (Rio de Janeiro) e o NowHere Lisboa (Portugal). Sua produção reflete sobre a continuidade entre corpo, mundo e natureza, onde a pintura é território de experiência perceptiva expandida.

### ● ASSOBIO LONGO, 2026



*Acrílico, pastel e marcador sobre papel, 21 x 30cm (cada / 8).*

**O trabalho investiga o gesto como registro de uma passagem contínua, vestígios de forças em movimento. O que se vê é apenas um fragmento de um fluxo maior que atravessa a pintura. A obra propõe a arte como espaço de integração entre a percepção humana e o mundo vivo.**

## CAMILA LEITE

São Paulo, BR, 1983

Camila Leite vive e trabalha em São Paulo. Formada em Comunicação Social, utiliza o bordado como prática artística, criando texturas e contornos em composições abstratas.

Em suas obras, reaproveita materiais antigos e tecidos doados por confecções, evocando colchas de retalhos. Aprendeu a bordar com a avó ainda na infância, mas foi na vida adulta que transformou essa técnica tradicional em trabalhos contemporâneos e orgânicos, que representam a vida.

### ● CORPO DO ACASO, 2026



*Acrílico, restos de tecido, linhas de lã e algodão bordadas sobre tecido, 60 x 65cm.*

**Este trabalho traz o conceito de colcha de retalhos, onde resulta no casamento entre o bordado e restos de tecidos de descarte. A tinta acrílica entra no momento em que surge a necessidade de alterar as cores presentes dos tecidos, e a textura e contornos dão vida a esse corpo desconstruído.**

## DENISE TEIXEIRA

Rio de Janeiro, BR, 1972

É artista visual, com trajetória que atravessa a arquitetura, o design gráfico e a ilustração. Em 2011, ingressou na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, onde iniciou sua formação em gravura, desenvolveu seus primeiros trabalhos e integrou sua primeira exposição coletiva. Na instituição, realizou diversos cursos de formação em desenho e pintura.

Atualmente, mantém formação contínua na EAV Parque Lage, em paralelo ao desenvolvimento de sua produção em ateliê.

### ● EXERCÍCIO DE DESCONFORTO, 2026



*Série de desenhos/técnica mista sobre papel. Painel com dimensões variáveis.*

Utilizando o retrato como base, a artista constrói um mural multifacetado em um exercício contínuo de investigação técnica. As imagens, ao mesmo tempo em que se afastam, também se articulam, estabelecendo diferentes relações. Desse encontro emergem zonas de ambiguidade, nas quais o familiar e o artificial se contaminam mutuamente.

## JOÃO WAGNER DARUICH

Mairiporã, SP, BR, 1985

Formado em Desenho e Plástica, Mestre em Museologia pela Universidade Lu-sófona de Lisboa e Doutorando em Sociomuseologia. Lecionou Artes na rede pública de São Paulo (2005–2017). Participou de salões de artes plásticas no interior paulista, com premiações. Artista de rua, realizou exposições individuais e coletivas entre Brasil e Portugal como artista, museólogo e curador. De 2023 a 2025, trabalhou no Nowhere Lisboa como assistente de produção artística.

### ● PRIMAVERA, VERÃO, OUTONO, INVERNO E PRIMAVERA, 2026



*Peça constituída de desenhos costurados em folhas recortadas. Dimensões variáveis.*

Este trabalho evoca a passagem do tempo, as mutações da vida. Tudo flui, tudo se transforma, é um ciclo sem fim.

## KARIN CAGY

Rio de Janeiro, BR, 1972

Entre camadas de tinta a óleo como a pele, Karin Cagy investiga o tempo e o etarismo. Artista visual formada em Programação Visual, Moda e pela EAV Parque Lage, possui um repertório de 27 anos como estilista. Sua pesquisa foca no envelhecer feminino, usando a materialidade para questionar padrões estéticos e transmutar rugas em rendas ancestrais, celebrando a sabedoria. Com mostras no CC Correios, Solar dos Abacaxis e Funarte, recebeu Menção Honrosa na Pinacoteca do Beiru e foi selecionada ao 53º Salão Luiz Sacilotto. Integrou residências na Zait, NG Creative e NACO.

### ● CARTOGRAFIAS DO TEMPO : A PELE COMO RESISTÊNCIA, 2026



*Série de pinturas a óleo, bordados e pinturas bordadas. Dimensões Variáveis.*

A série celebra o envelhecimento feminino como morada e resistência. Entre óleo e bordados, subverte a invisibilidade da maturidade, reivindicando a biologia e o prazer. É um "pensar sem corrimão" que transforma rugas em cartografias de plenitude, desejo e liberdade absoluta.

## LAURA DRÜSEDAU

Rio de Janeiro, BR, 2002

Nascida no Rio de Janeiro, Laura Drüsedau é artista visual e estudante de Arquitetura e Urbanismo na PUC-Rio. Sua pesquisa parte da observação da cidade, do habitar e dos encontros entre o eu, o outro e o espaço urbano. Com vivências entre diferentes culturas – especialmente brasileira e alemã – e passagem por Lisboa durante estudos em arquitetura, desenvolve trabalhos em fotografia, desenho e traço manual, explorando materialidades simples, caminhabilidade, memória e emoções urbanas.

### ● ENTRE ENCONTROS, 2026



*Técnica mista de argamassa sobre papel Paraná, 15 x 15cm (cada / 6).*

O trabalho investiga novas materialidades e formas de expressão, mantendo questões presentes, como encontro, organização, repetição, cidade e habitar. A partir do interesse pelos azulejos, a obra explora e desafia a capacidade humana de replicar padrões e criar relações entre elementos semelhantes, tensionando os limites entre aparência e matéria. As peças remetem a azulejo e pedra pela sua dimensão e superfície, mas são produzidas com materiais leves e simples, explorando contrastes entre permanência, fragilidade e pureza. Os encontros e repetições entre os elementos propõem reflexões sobre lugar, memória, percepção visual e relação entre seres.

## LUCIANA SILVEIRA

Rio de Janeiro, BR, 1971

Luciana Silveira vive e trabalha no Rio de Janeiro. Artista, pesquisadora, arteterapeuta e arte-educadora, investiga a linha como linguagem e dispositivo poético, atravessando processos criativos, memória e narrativas sensíveis. Há mais de 15 anos atua em projetos sociais utilizando a arte como espaço de escuta e criação coletiva. Criou o **Transborda**, coletivo de mulheres de comunidades cariocas. Atualmente é coordenadora de artes da Associação Cultural Lanchonete <> Lanchonete.

### ● FRAGMENTOS SECRETOS DE UMA DESPEDIDA, 2026



*Bordado sobre linho, 134 x 147cm.*

A partir de uma despedida, sete mulheres tecem, em bordado coletivo, segredos, memórias e afetos. Entre as linhas e as marcas, emergem símbolos e narrativas que atravessam o feminino, criando uma rede de afeto, resistência e partilha.

## LUIZA VOLPATO

Criciúma, SC, Brasil, 1985

Luiza Búrigo Volpato é artista visual com atuação em práticas híbridas, desenvolvendo obras que transitam entre pintura e digital pictórico. Sua pesquisa artística investiga as relações entre subjetividade, memória, paisagem e cotidiano, articulando figuração por meio de gestos, cores e estruturas orgânicas. Com formação em Ciências Sociais e Direito, sua produção é atravessada por um olhar atento às dinâmicas humanas, culturais e simbólicas. A artista compreende o fazer artístico como um processo de investigação sensível, no qual experiência, emoção e território se convertem em linguagem visual. Sua obra propõe narrativas que conectam o íntimo ao coletivo, afirmando a arte como espaço de reflexão, presença e escuta.

### ● ENTRE O COLETIVO E O QUE PERMANECE, 2026



*Pintura digital e intervenção manual, 41 x 32cm (cada / díptico).*

Entre festa, lúdico, natureza e vazio, o trabalho constrói uma paisagem afetiva em que cor e dissolução investigam o que permanece após a imagem: vestígio, memória e presença em suspensão.

## MARIA LUIZA DAN

Rio de Janeiro, BR, 2005

Maria Luiza Dan é artista-pesquisadora, residente no Rio de Janeiro (RJ), e estudante de Artes Visuais – Escultura na Escola de Belas Artes da UFRJ. Sua pesquisa traduz dinâmicas sociopolíticas brasileiras em formas corpóreas, materializando violências invisíveis em experiências físicas. Seu trabalho tensiona o corpo e o espaço ao tornar perceptíveis os efeitos sensíveis de estruturas de poder e desigualdade.

### ● RAIZ, 2026



Vídeo cor, áudio (em loop). Dimensões variáveis.

“Raiz” é um trabalho construído a partir da montagem de vídeos de arquivo público. Entre imagens clínicas, perfurações, extrações e matérias orgânicas violentadas, o trabalho aproxima corpo e território em processos de invasão, ruptura e transformação. A obra articula ideias de identidade, memória e reconhecimento inscritas no corpo e na matéria.

## MINA LANCELLOTTI

Rio de Janeiro, BR, 2002

Mina Lancellotti, artista visual que transita entre fotografia, vídeo e som, lidando com temas como religiosidades, memória, ancestralidade e luto.

### ● ENTRE O ORUN E O ÀIYÉ, 2026



Instalação / peça confeccionada com fios de conta e áudio. Dimensões variáveis.

O trabalho parte de uma experiência imersiva com a morte pela perspectiva do candomblé. Trago neste trabalho a Iyabá (orixá feminino) Oyá, por ser a responsável em acompanhar os mortos para o Orun (céu), e Oxalá, senhor da vida e da morte, quem dá o sopro da vida, e o único que pode tirar. Os fios de conta como caminho do Orun ao Àiyé (céu e terra), onde os de Oxalá se encontram com os de Oyá, formando a “grande dan” (cobra), Oxumarê, o único orixá que consegue transitar entre um e outro.

## RAFA DIÃS

Rio de Janeiro, BR, 1984

É artista visual e urbanista. Entre pinturas, fotografias, tecido e objetos construídos por jogos de encaixe, tensiona os absurdos dos modos contemporâneos de habitar e investiga formas de coexistência para além da lógica antropocêntrica. Mestre pela COPPE-UFRJ e pela Columbia University, participou de exposições no Centro Cultural dos Correios, Funarte e Museu da Escola Catariense, além de residências na Amazônia e no Sertão do Piauí.

### ● CLASSIFICADOS, 2026



*Instalação com fotografias vernáculas, memes e criações digitais aplicadas sobre caixas de papelão. Dimensões variáveis.*

**Cada janela, anúncio ou meme revela fragmentos de vidas atravessadas pelo complexo quebra-cabeça urbano. A obra transforma caixas de mudança em pequenas arquiteturas da transitoriedade e convida o público a refletir sobre o que a cidade revela e também oculta.**

## RAPHOS

Niterói, BR, 1986

Raphos é um artista multidisciplinar cuja prática desenvolve-se na criação de universos imagéticos em que formas biomórficas, atmosferas oníricas e espacialidades ambíguas coexistem em permanente transformação. Seu trabalho constrói paisagens sensíveis que transitam entre o orgânico e o imaginário, evocando simultaneamente sedução, estranhamento e suspensão. Sua pesquisa explora a metamorfose da forma e da matéria, como se cada imagem emergisse de um processo de transmutação entre corpo, substância e sonho.

### ● PASSION FRUIT / ESTRELA DA MANHÃ, 2026



*Óleo sobre linho, 100 x 80cm (cada / 2).*

**A série constrói um bestiário da matéria viva — formas que existem entre o orgânico e o imaginário, entre o sensual e o perturbador. Através de texturas, aberturas e cores intensas, o artista explora o limiar onde o belo e o horror habitam a mesma substância.**

## RODRIGO VIANA

Rio de Janeiro, BR, 1985

Rodrigo Viana, é um artista visual autodidata que teve seu desenvolvimento com a imagem a partir de atividades que ditam seu cotidiano, como esportes e música.

Sua obra é identificada por camadas de texturas em preto e branco, saturação e grãos originários da película. Enfatizando a constante tensão entre técnica e linguagem experimental que o possibilita a criação de imagens poéticas entre o concreto geométrico e o abstrato.

### ● TERMINAL / FAROL, 2026



Série de impressões em tecido e em papel. Dimensões variáveis.

**A montagem fotográfica desenvolve-se a partir de fotogramas nos quais o artista explora a própria película como suporte e elemento visual. Por meio da sobreposição, do recorte e da união de pontos geométricos, o trabalho cria uma composição marcada pela simetria, pela repetição e pela organização espacial. O resultado sugere um ambiente idealizado onde a geometria conduz o olhar e transmite a sensação de um lugar perfeitamente estruturado.**

## TUCA PAOLI

São Paulo, BR, 1974

Artista visual que trabalha entre fotografia, colagem analógica e vídeo, explorando territórios da memória. Sua obra investiga ausência, deslocamento e identidade fragmentada, com especial interesse em árvores como elementos de enraizamento e passagem. Realizou imersões fotográficas na floresta amazônica, núcleo da sua prática, além de vários projetos em colagem analógica. Participou de residências como o Berlin Art Institute e o LPA NowHere, em Lisboa (edições 2024 e 2025). Em Berlim, apresentou três exposições, incluindo um projeto individual sobre a Amazônia e outro dedicado às colagens da pandemia, além de coletivas. Em Lisboa, expôs na Casa do Comum trabalhos ligados ao exílio e à migração. Nascida em São Paulo, viveu na Alemanha entre 2010 e 2022 e está baseada em Lisboa desde 2022, onde mantém o seu atelier.

### ● INVENTÁRIO DE LUGARES IMAGINADOS. CAPITULO 1. 6 PEÇAS, 2026



Instalação com caixas backlight de impressão em acetato e colagem analógica, 23 x 32cm (cada /6).

**Árvores da infância, fotografadas na fazenda do avô imigrante italiano no Brasil, recebem elementos de colagens analógicas. Entre memória e deslocamento, surgem árvores híbridas – portais simbólicos de um corpo em trânsito, tentando, pouco a pouco, se localizar e reencontrar pertencimento.**

# A M O S T R A \ 2 6

## Créditos

**Luciana Silveira:** Colaboração nos bordados - Alda Pachu, Beatriz Barboza, Lucélia Brasiliano, Regina de Souza, Rita Moura, Susana Brito.

**Mina Lancelotti:** Apoio técnico de som - Bruno di Lullo, Domenico Lancellotti e Noé Ribeiro. Vozes - Iya Marlene de Oxalufan, Dofona Luiza de Oyá, Dofona Mina de Ogun e Dofonitinho Antônio de Oxaguian.





ESCOLA  
DE ARTES  
VISUAIS DO  
PARQUE LAGE